



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO –
UNIRIO

MARIANA DE ALMEIDA GETIRANA

RELEITURAS DE CHAPEUZINHO VERMELHO

RIO DE JANEIRO – RJ

AGOSTO/2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO –
UNIRIO

MARIANA DE ALMEIDA GETIRANA

Matrícula: 20072351187

RELEITURAS DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Monografia apresentada no curso de graduação
a Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro – UNIRIO, para conclusão do curso de
Pedagogia.

Orientador: Alberto Roiphe

RIO DE JANEIRO – RJ

AGOSTO/2013

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista aos meus pais, família e amigos por todo o apoio que me deram durante essa jornada na faculdade.

|

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado e sempre iluminando meu caminho.

Ao meu pai Luiz Americo e minha mãe Rosemar por me proporcionarem sempre o melhor. Pelo apoio, incentivo e por acreditarem em mim mais do que eu mesma. Por serem responsáveis pela pessoa que sou hoje.

A minha irmã Gabriela Getirana por ter aguentado meu (mau)humor durante as noites que virei fazendo trabalhos da faculdade, enquanto ela queria conversar.

A minha família que sempre esteve presente em cada momento e conquista da minha vida.

A Danielle Rosa amiga que eu conheci no dia da matrícula na UNIRIO e que seguimos juntas, lado a lado, durante todo esse período de faculdade. Nos divertindo e descabelando juntas durante todos esses anos.

Ao meu orientador Alberto Roiphe por sua paciência e disposição sempre que precisei. Até quando eu largava a monografia de lado.

Aos professores que me ensinaram muito durante esses anos. Em especial ao professor Leonardo Castro.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram para a reflexão e formação deste trabalho. E que estiveram me apoiando e me incentivando ao longo desses anos.

.

“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê.”

Monteiro Lobato

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é abordar a importância da leitura e o estímulo que deve ser dado a criança antes mesmo dela entrar na escola. Além da compreensão de que a literatura contribui no processo de formação de novos leitores e que ela possibilita através do imaginário divertir e informar. Apresento conceitos de literatura infantil e contos de fadas. Esta monografia apresenta comentários de releituras de “Chapeuzinho Vermelho”.

Palavras-chave: leitura, literatura, literatura infantil, intertextualidade, chapeuzinho vermelho

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. A importância da Leitura.....	9
1.1. A Criança e a Leitura.....	11
3. A Literatura e a Formação do Leitor.....	14
3.1. O Leitor e o Texto (Literário).....	17
3.2. Literatura Infantil.....	19
4. Contos de Fadas.....	21
5. Intertextualidade.....	24
6. Releituras de Chapeuzinho Vermelho.....	26
7. Considerações Finais.....	29
8. Referências Bibliográficas e Eletrônicas.....	31
Anexo I	35
Anexo II.....	38

1. Introdução

Na infância vão se formando hábitos que estarão presentes no futuro. Estimular a leitura neste período de idade auxilia no desenvolvimento de futuros leitores, uma vez que estas crianças poderão ter sua ludicidade aguçada. Assim, neste trabalho procurarei compreender de que forma a literatura infantil pode ajudar a formar leitores que consigam, por meio de sua ludicidade renovar-se ao longo dos tempos possibilitando ler o mundo.

No desenvolvimento do trabalho realizei uma revisão bibliográfica sobre o tema “literatura infantil” destacando os trabalhos de Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman, entre outros autores.

Após algumas leituras compreendi a importância do trabalho com literatura na fase da infância, mais especificamente, os chamados Contos de Fadas, para a formação leitora das crianças.

Paralelo ao estudo bibliográfico fazia estágio em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo. Neste período pude desenvolver trabalhos de estímulos à leitura junto aos alunos.

Para sistematizar o que foi lido e a prática vivenciada organizei uma pesquisa bibliográfica, dividida em capítulos.

Neles apresento “A Importância da Leitura” para “dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a ela impomos” (DEMO, 2006, p. 9).

Em seguida aprofundo o tema com o objetivo de compreender de que forma a literatura contribui no processo de formação de novos leitores, ou seja, como a literatura potencializa os processos de aprendizagem escolar, uma vez que ela possibilita através do imaginário divertir e informar. Prossigo o assunto falando da Literatura Infantil como um gênero literário. Foco no histórico de seu surgimento e a inserção no ambiente escolar como facilitador de aprendizagem. Faço relações do mundo da leitura para a leitura do mundo, segundo as visões de Paulo Freire e Marisa Lajolo. Compreendo que por meio da intertextualidade podemos intercambiar saberes de diferentes contextos. Comento as releituras de Chapeuzinho Vermelho. E então realizo algumas considerações sobre a pesquisa realizada.

2. A importância da Leitura

No dicionário Aurélio encontramos vários significados para a palavra *LER*, ressaltamos alguns deles:

Verbo transitivo direto.

1. Percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as (e interpretando-as).
2. Ver e estudar (coisa escrita).
3. Decifrar e interpretar o sentido de.
4. Perceber (sinais, mensagem).
5. Adivinhar.

Logo, *ler* representa um processo dinâmico, sendo assim, o ato da leitura não implica somente no conhecimento de um código e a capacidade de decifrá-lo, mas também a habilidade de entendê-lo como um todo: interpretar, adivinhar, perceber, ou seja, o leitor precisa se posicionar de forma ativa para que possa tirar todas as informações possíveis do texto de que está fazendo uso e com isso apreendê-lo em toda sua dimensão.

A leitura é um ato complexo e muito importante para a comunicação na sociedade atual. No livro “*A Psicanálise dos Contos de Fadas*” de Bruno Bettelheim escreve que:

Ao contrário do que diz o mito antigo, a sabedoria não irrompe integralmente desenvolvida como Atenas saindo da cabeça de Zeus; é construída por meio de pequenos passos a partir do começo mais irracional. Somente na idade adulta uma compreensão inteligente da significado de nossa existência neste mundo pode ser obtida de nossa experiência nele. (BETTELHEIM, 2002, p. 3)

Essa experiência que é adquirida, com a nossa disposição de ler o mundo, a partir de nossas vivências inicia com o olhar e se aperfeiçoa com a leitura. É por meio dela que o indivíduo desenvolve sua capacidade intelectual, sua criatividade e garante um maior grau de cidadania, pois a leitura permite sua efetiva inserção no meio social.

Vivemos em uma sociedade de consumo, que se utiliza da propaganda para conquistar consumidores, transformar hábitos e conceitos e criar tendências, este é um dos motivos que torna o papel da leitura primordial e que cria a necessidade de garantirmos aos nossos alunos instrumentos para que possam se tornar bons leitores.

Como conhecimento imprescindível para a inclusão do ser humano na sociedade o ato de ler fornece acesso as informações e instiga na criação de um pensamento crítico. O indivíduo que lê tem uma compreensão maior sobre o que se passa ao seu redor, isto porque se torna capaz de interpretar os vários tipos de textos que são apresentados a ele, pois possui um vocabulário mais amplo e um conhecimento mais abrangente sobre os mais variados assuntos.

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só no desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, [...]. (MARTINS, 2003, p.22).

Quando formamos leitores damos a eles a liberdade de escolha, porque um bom leitor é:

(...), conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceita-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros. (LAJOLO, 1994, p. 107)

Vários educadores destacaram a importância da leitura em seus livros entre eles, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman, Paulo Freire, Jolibert, entre outros.

Fernando José de Almeida da revista “*Folha Explica*”, destaca falas de Freire (2009):

... ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar suas palavras sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não é só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro de uma perspectiva, é também libertar-se. Ler é um processo dinâmico no qual o leitor e autor interagem mediados pelo texto. Quando alguém lê, tem a possibilidade de inferir dados e situações, refletindo após o ato de ler.

Segundo Jolibert (1994) - professora-pesquisadora, sobretudo em aprendizagem da leitura e da escrita, na França e na América Latina - ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito; É questionar algo escrito numa verdadeira situação de vida; É questionar um texto; É fazer hipóteses de sentido a partir de indícios levantados e verificar essas

hipóteses. Ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc.

Ler é ir além da simples decifração de códigos, é o caminho de nos tornarmos críticos com nossa realidade social. Ler é tão necessário quanto o ar que respiramos, pois é atividade presente no nosso dia-a-dia, nos dá acesso aos bens culturais e a conquista da autonomia dentro da sociedade. “Nesta dimensão, ler é condição de estar no mundo, criando-o outra vez.” (YUNES, 2002, p. 102)

A leitura pode ser vista como a tentativa do homem de compreender a realidade como lhe é apresentada. Cada cultura tem sua própria leitura de mundo, ela é o instrumento que dá sustentação as possíveis interpretações que podemos atribuir a um fato, um contexto.

A questão da leitura na contemporaneidade se coloca na confluência das interpretações, na urgência de transformar meros receptores em leitores, sensíveis às menores vibrações lógicas, de modo que textos e discursos deflagrem nele a mobilização dos sujeitos históricos. (YUNES, 2002, p. 102)

2.1. A Criança e a Leitura

A linguagem oral é desenvolvida de forma natural pela criança, que em seu convívio com as pessoas que a cercam, a apreende e passa a usá-la, inicialmente de forma bem restrita, mas ao longo do tempo essa linguagem vai se aperfeiçoando e ficando cada vez mais complexa.

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (VYGOTSKY, 1991, p. 20).

Durante essa fase a criança entra em contato com o mundo da escrita, ampliando seu conhecimento de mundo. Essa interação deve ser incentivada antes mesmo dela matricular-

se na escola, pois ao ouvir histórias ela desenvolverá o interesse pela leitura, irá aguçar sua criatividade, imaginação e curiosidade pelo mundo dos textos escritos.

O ponto de partida dessa discussão é que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado que a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram de lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Conseqüentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar, que somente psicólogos míopes podem ignorar. (VYGOTSKY, 1989, p. 94)

A apresentação de diversos tipos de leitura fará com que a criança descubra o que mais se aproxima do seu gosto e o que lhe desagrade. Para Bruno Bettelheim quando a criança é pequena a literatura transmitida a ela pelos pais ou outras pessoas que cuidam dela e a herança cultural, “quando transmitida de forma correta”, são vistas como experiências que a capacitam, a dar a vida um significado maior. (BETTLHEIM, 2011, p. 10). Logo, é importante que se crie, desde cedo, o hábito de ler.

É importante dizer também o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos ou folheiem com eles um álbum de literatura infantil, levando-os a dizerem o que imaginam que irá acontecer na página seguinte depois de virada. (JOLIBERT, 1994, p. 129)

A criança sente curiosidade de ler ao ver os adultos lendo, por isso aqueles que a rodeiam devem sempre ler. Uma história traz consigo inúmeras possibilidades de aprendizagem. Entre elas estão os valores apontados no texto, os quais poderão ser objeto de diálogo com as crianças, possibilitando a troca de opiniões e o desenvolvimento de sua capacidade de expressão.

Paulo Freire em *A importância do ato de ler*, diz que uma vez que a leitura é apresentada a criança, ela deve ser cuidadosamente decifrada, pois na maioria das vezes as crianças têm um contato imediato com a palavra, mas a compreensão da mesma não existiu. Com isso, é necessário apresentar o que foi descrito por tal palavra, de forma que esse objeto proporcione sentido a ela.

Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com o que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos

populares, expressando a sua real linguagem, seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. (FREIRE, 1982, p. 13)

Nos dias de hoje, com tanta tecnologia, é muito raro ver um jovem com um livro na mão, possuindo a cada dia um vocabulário “mais pobre”. Dados da edição de 2012 da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, mostram que os brasileiros estão, cada vez mais, trocando o hábito de ler jornais, revistas, livros e textos por atividades como: ver televisão, assistir a filmes em DVD, reunir-se com amigos e família e navegar na rede de computadores por diversão.

Ler pode ser uma distração, uma fuga da rotina, uma fonte de informações, para rir ou chorar, fazer de conta, etc. Existe apenas uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa: o desejo de ler. Quando a leitura se torna uma obrigação, não traz o mesmo prazer de quando o indivíduo escolhe o que deseja ler. Fernando Pessoa em um de seus poemas fala sobre o tédio de fazer uma leitura por obrigação.

Liberdade

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada.
Estudar é nada
O sol doira
Sem literatura.

O rio corre, bem ou mal
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa que está indistinta
A distinção do nada e coisa nenhuma.
(Fernando Pessoa)

Para estimular esse prazer na leitura e estimular o interesse pelos livros, Pennac em sua obra “*Como um Romance*” diz que o leitor tem os seguintes direitos:

O direito de não ler. O direito de pular páginas. O direito de não terminar um livro. O direito de ler qualquer coisa. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível). O direito de ler em qualquer lugar. O direito de ler uma frase aqui outra ali. O direito de ler em voz alta. O direito de calar.

Além de ter seus direitos de leitura respeitados, Bettelheim acredita que tem um papel muito mais amplo que o de apenas o da fruição, segundo ele uma história para prender a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade.

Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar clara suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades, e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

[..]Em todos esses aspectos e em vários outros, no conjunto da “literatura infantil” – com raras exceções -, nada é tão enriquecedor e satisfatório, seja para criança, seja para o adulto, do que o conto de fadas popular. (BETTELHEIM, 2011, p. 11)

Tendo garantido estes fatores, o leitor (criança) desde cedo passa a respeitar e a valorizar a leitura. Esse respeito de direito dos leitores é a ponte para se criar o elo entre leitor-leitura.

3. A Literatura, e a Formação do Leitor

Vamos falar sobre a Literatura, segundo Coelho (2000) ela é

arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível impossível realização. (COELHO, 2000, p.27),

mas também é um acontecimento de linguagem moldado a partir de uma experiência cultural que se encontra ligada, direta ou indiretamente, à determinada realidade social e histórica.

Os padrões de interpretação oferecidos ao homem estão diretamente relacionado as suas manifestações culturais.

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade fundamentou (e se fundamenta...) (COELHO, 2000, p. 27-28).

Sabemos que a cultura diz respeito a tudo aquilo que é característico de uma sociedade como: o conjunto de seus conhecimentos, ideias, crenças e a forma como estas despontam na coletividade, por serem dinâmicas elas vivem em constante transformação e por isso seu estudo é capaz de ampliar nosso entendimento dos processos de mudança por que passaram as diversas sociedades.

No livro “*O que é Cultura*”, Jose Luiz dos Santos enfatiza a necessidade de entendermos que cada povo possui uma lógica interna que a justifica e dá sentido à realidade de um grupo sendo:

A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar das razões da realidade social de que partilhamos e das forças que as mantêm e as transformam. Ao trazermos a discussão para tão perto de nós, a questão da cultura torna-se tanto mais concreta quanto adquire novos contornos. Saber se há uma realidade comum à nossa sociedade torna-se uma questão importante. Do mesmo modo, evidencia-se a necessidade de relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que a constituem. (SANTOS, 1994, p. 9)

E sendo a Literatura parte da cultura de uma sociedade ela influência e é influenciada pelo comportamento do grupo social no qual foi concebida refletindo seu povo e sua história. Sendo assim a obra literária ao fazer um recorte do real, a partir do ponto de vista do autor, revela, através da ficção e da fantasia uma leitura de mundo que possibilitará ao leitor expandir seus conhecimentos dando-lhe a oportunidade de interpretar o mundo a partir de uma nova perspectiva e terá “a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida” (COELHO, 2000, p.29)

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade fundamentou (e se fundamenta...) (COELHO, 2000, p.27-28).

Ler é essencial para a formação de um indivíduo consciente e crítico, capaz de exercer plenamente sua cidadania, e a leitura literária é uma ferramenta importante para que se alcance este objetivo, porque quando pensamos na história da sociedade vemos que a literatura, como representante de uma cultura, teve um papel de destaque ao transmitir e transformar tradições e conceitos.

Lígia Cademartori diz que a educação em seu sentido mais amplo é a capacidade do homem de apreender os padrões sociais e culturais e assim moldar seu comportamento, este é construído à medida dos padrões de interpretação que a ele foram apresentados. Assim,

As diferentes manifestações culturais constituem-se em padrões de interpretação. Entre elas, destaca-se, seja pela alta elaboração própria do código verbal, seja pelo envolvimento emocional e estético que propicia, a literatura. (CADEMARTORI, 2006, p. 22)

A literatura é uma modalidade de leitura, mas não é a única. Em nosso cotidiano outras modalidades se destacam muito mais que ela, e estão mais próximas da realidade social também, isto porque possuem uma “utilidade prática” mais efetiva. Em nosso cotidiano a leitura de um jornal, de um contrato, a entrega de formulários, entre tantas outras atividades se relacionam mais diretamente com o nosso exercício de cidadania e nossa realidade mais imediata com isso criasse um vínculo mais estreito entre o leitor e estas modalidades de leitura.

Mas mesmo não sendo de “uso prático” a literatura é considerada por muitos educadores como fundamental.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos e suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer

plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106)

O que torna a literatura importante é sua capacidade, quase infinita de renovar-se. “E parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.” (COELHO, 2000, p. 15)

Segundo Cademartori (2006) a obra literária recorta, sintetiza e interpreta o real através do ponto de vista do narrador. Sendo assim, através da fantasia, manifesta-se um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão de interpretação. “A literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.” (CADEMARTORI, 2006, p. 23).

Através da leitura o leitor pode entrar no texto colocando-se no lugar do personagem, identificando-se com ele ou não. Nos contos, crônicas, romances, poemas, e nos mais variados tipos de texto, existe sempre um universo interior e exterior. Ler é ampliar o mundo simbólico, é desenvolver a capacidade de comunicar e criticar, é um ato contínuo de recriação e invenção.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer [...] (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

3.1. O Leitor e o Texto (Literário)

Escrever um texto seria fazer um inter cruzamento de palavras de forma a se obter um tecido que possibilite um diálogo entre o autor e o leitor. Por isto, a obra literária está condicionada ao diálogo existente entre texto e leitor, o que acarreta um processo de interação entre eles, isto é, a obra literária só permanece em evidência enquanto puder interagir com o receptor

Nessa interação as expectativas do leitor em relação à obra poderão se confirmar ou não. Ocorrendo a satisfação, a obra caracteriza-se como sendo literatura de massa, visto que não exige nenhuma mudança de horizonte, servindo apenas para reforçar as normas literárias e sociais em vigor. No caso da quebra de expectativas pode vir a acontecer uma mudança de comportamentos e de normas ou uma rejeição por parte do público provocando a formação de um novo público.

Contudo, a interação não está restrita somente aos aspectos estéticos da obra, pois no ato da leitura também entra em jogo a experiência de vida do leitor, porque entre a leitura de uma obra e o efeito pretendido ocorre o processo da compreensão, exigindo do leitor todo o seu conhecimento de mundo acumulado.

(...) também a leitura, principalmente a literária, parece constituir um tecido ao mesmo tempo individual e coletivo. Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, esse foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. (LAJOLO, 2008, p. 106)

Assim, o leitor deve deixar de ser considerado um simples destinatário passivo, e passar a ser um agente ativo, que participa na elaboração do sentido do texto e, conseqüentemente, ele passara a ser uma espécie de coautor na construção final da obra literária. “Desse modo, a obra não pode mais ser vista como algo acabado a se deslocar intocável no tempo e no espaço, mas como um objeto mutável por efeito das leituras que a transformam.” (CARVALHAL, 2004, p.70)

Reconstruir os horizontes de expectativas de uma obra em relação ao processo de produção/recepção sofrido por ela em épocas distintas significa encontrar as perguntas para as quais o texto constitui uma ou mais respostas.

Dessa forma, o sentido de um texto é construído historicamente, descartando-se a ideia de sua atemporalidade. É a partir do confronto desses dois polos que a distância estética pode ser estabelecida. Assim, partindo desses princípios, as grandes obras são as que permanentemente provocam nos leitores, de diferentes momentos históricos, a formulação de novas indagações que os levem a se emanciparem em relação ao sistema de normas estéticas e sociais vigentes. E a literatura infantil, particularmente o conto de fadas tem feito isto.

3.2. Literatura Infantil

Se pensarmos gramaticalmente a palavra “infantil” é um adjetivo que determina o substantivo ao qual está relacionada particularizando-o. Logo a termo sugere que o texto está dirigido a um grupo específico - a criança. Mas o conceito de literatura infantil ainda é um assunto muito discutido, no meio acadêmico. Sem esgotar todas as possibilidades do assunto vamos analisar alguns pontos.

Alguns não acreditam que exista uma literatura, especificamente, infantil. Drummond afirma que:

O gênero literário infantil tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de se constituir em alimento para o espírito da criança ou jovem e se dirige ao espírito adulto? Qual o bom livro de viagens ou aventuras destinado a adultos, em linguagem simples e isento de matéria de escândalo, que não agrade à criança? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a destinação preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte, ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido e desvitalizado, porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as misturas de árvores com que se diverte sadismo botânico dos japoneses: não são organismos naturais e plenos, são anões vegetais. (ANDRADE, 1994, p.220)

Outros entendem que ela seria representada pelas histórias que caíram no gosto do público infantil, que foram capazes de entreter e aguçar sua curiosidade.

São as crianças na verdade que a delimitam com sua preferência. Costuma-se classificar Literatura Infantil o que para ela se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois uma literatura infantil ‘a priori’, mas ‘a posteriori’ (MEIRELES, 1979, p.19).

A literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), com a função de educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura que demarcavam o bem e o mal, o que devia e o que não devia ser aprendido. O que pode ser visto claramente na maioria dos contos de fadas, fábulas e até mesmo em muitos textos contemporâneos.

O que hoje denominamos de literatura infantil foi concebida originalmente como um entretenimento para adultos, e como tal, essas narrativas estavam carregadas de “questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação das mulheres, e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poder” (CADEMARTORI, 2006, p. 24), mas, com o passar do tempo, acabaram por se transformar em literatura para crianças.

Nelly Novaes Coelho destaca dois fatores que podem ter operado essa transformação:

Dentre os fatores que podem ser apontados como *comuns* às obras adultas que falaram (ou falam) às crianças, estão a *popularidade* e a da *exemplaridade*. Todas as que se haviam transformado em *clássicos* da literatura infantil nasceram no meio popular (ou em meio culto e depois se popularizaram em adaptações). Portanto, antes de se perpetuarem como *literatura infantil*, foram *literatura popular*. Em todas elas havia a intenção de passar determinados *valores* ou *padrões* a serem respeitados pela comunidade ou incorporado pelo indivíduo em seu comportamento. Mostram as pesquisas que essa literatura inaugural nasceu no domínio do mito, da lenda, do maravilhoso... (COELHO, 2000, p.41)

A identificação do popular com o infantil ocorreu, devido ao fato de, tanto o homem primitivo como a criança, estruturarem seu conhecimento da realidade a partir “do sensível, do emotivo da intuição...” (COELHO, 2000, p.41). Logo, tanto na criança quanto no povo há a predominância do pensamento mágico que faz com que ambos se sintam atraídos pelas mesmas realidades, isto é,

(...) O *homem primitivo* (povo) – tal como imaginamos sua consciência, e a *criança* – tal como recordamos nossa infância, não possuem ainda a possibilidade de estruturar seus conhecimentos de forma histórica e racional. [...] A condição para esta superior consciência do mundo é, em primeiro lugar, a *linguagem* – não uma linguagem humana qualquer, mas um idioma culto que para o homem primitivo (rudimentar) não existe ainda, e para a criança embora exista não está a seu alcance. Dito de outro modo: nenhum dos dois possui um pensamento claro e distinto; vislumbram algo, *mas não têm um conhecimento real da história* em sua em suas relações com a *natureza* em cujo nexos sua própria existência está incluída. Não tem cultura. [...] E a história é íntima afinidade com a vida, com o futuro, a realização de uma possível cultura. (SPENGLER *apud* CARVALHAL, 2000, p.42)

Ao observar-se a natureza da literatura folclórica e das obras clássicas da literatura infantil, percebemos que elas estão inseridas no campo do maravilhoso, elemento que

permitiu a essas histórias continuarem agradando tanto as massas populares como as crianças, até os nossos dias.

Em 1697, Charles Perrault traz a público histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades, que são uma coletânea de contos populares que chegaram a seu conhecimento através da oralidade, pelos seus servos que na época se integraram à vida doméstica. Vincula-se a ele o início da literatura infantil com os “Contos de Mão Gansa”. Ganham, então, forma editorial as seguintes histórias: “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “A Gata Borracheira”, “Henrique do Topete” e “O Pequeno Polegar”.

4. Contos de Fadas

Era uma vez, diz o conto de fadas. Ele é considerado o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade e sobrevive na narrativa.

Segundo BENJAMIN:

O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência. Era a emergência provocada pelo mito. O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para liberta-se do pesadelo mítico. (BENJAMIN, 1994)

Considerado como formas narrativas simples o conto de fadas, a fábula, o apólogo, a parábola, a alegoria, o mito, a lenda, a saga, o conto maravilhoso, etc. fazem parte do gênero ficção no qual está inserida a literatura infantil.

As formas simples surgiram de forma anônima e espontânea e se perpetuaram através dos contadores de história, ao longo do tempo elas foram se transformando e acabaram se inserindo entre os diversos povos.

De terra em terra, de região a região, foram sendo levadas por contadores de histórias, peregrinos, viajantes, povos emigrantes, etc., até que acabaram por ser absorvidas por diferentes povos e, atualmente,

representam fator comum entre diferentes tradições folclóricas. (COELHO, 2000, p. 164-165)

Em “O fantástico mundo de Feiurinha”, Pedro Bandeira, conta-nos à história de um escritor que é incumbido, pelas princesas dos contos de fadas, de encontrar Feiurinha, uma princesa dos contos maravilhosos, que havia sumido sem deixar nenhum sinal de sua existência. Ele sai em busca de pistas, que acredita serão encontradas, mas essa procura é em vão. Nesse momento ele percebe o motivo do sumiço da personagem; ela teria desaparecido porque seu conto não havia sido eternizado pela escrita. Dirigindo-se a Branca de Neve e as outras princesas, que estão com ele à procura de Feiurinha, diz:

Entendeu porque você jamais desaparecerá? E vocês todas, Chapeuzinho, Rapunzel, Cinderela, Bela-Fera e Bela Adormecida? Vocês jamais desaparecerão! Vocês foram eternizadas nos livros pelos maiores artistas do mundo! Suas vidas se renovam todos os dias quando os livros são abertos na frente dos olhos de novas crianças, prontas a rir, chorar e a se emocionar com suas aventuras! (BANDEIRA, 2001)

Essa história de Pedro Bandeira ilustra bem a trajetória dos Contos Maravilhosos, surgidos na tradição oral, passados de geração em geração, eles se perpetuaram, ao longo do tempo, devido ao seu registro escrito, e assim permaneceram em nossa memória até hoje.

É difícil determinar em que época os contos maravilhosos surgiram. Sabe-se que sua origem é celta e que eles começaram a ter seu registro escrito na Europa, a partir do século VII, entretanto as fadas só passam a fazer parte dessas histórias a partir do século IX.

Tendo chegado ao mundo ocidental através da oralidade adaptaram-se à realidade cultural de cada região, durante esse período, foram sendo acrescentadas algumas mudanças, o que resultou na alteração da forma original das histórias, uma vez que os povos ao imprimir suas culturas nas narrativas distanciavam os contos de sua cultura original.

Pertencentes a um mundo fantástico, a designação de conto de fadas e do conto maravilhoso acabaram por serem usadas como sinônimas, entretanto, surgiram de fontes diferentes, pois, abordam problemáticas próprias. Hoje, esses termos nomeiam as narrativas, da literatura infantil, chamadas de clássica, sem que se faça uma diferenciação mais específica entre essas duas formas.

Nos contos de fadas, mesmo quando a imagem da fada não está explícita, o desenvolvimento dos argumentos se dá dentro de um universo das fadas, onde podemos encontrar reis, rainhas, princesas, gênios, bruxas, objetos mágicos, etc. Neles encontramos tempo e espaço próprios, distanciados de nossa realidade. O princípio gerador deste tipo de conto são as questões existenciais e filosóficas, normalmente, ele se refere à realização humana através da união entre homem e mulher. Porém para que isso ocorra, existem obstáculos ou provas que precisam ser vencidas em uma espécie de prova, na qual o valor do herói ou heroína vai ser testado. Uma vez superada as dificuldades o herói alcançará aquilo que deseja: que pode ser o seu próprio eu ou a princesa prometida.

Nos contos maravilhosos não há a presença de fadas, reis, príncipes; esse lado mágico fica por conta dos animais falantes, objetos mágicos, duendes e gênios. Ele se desenvolve em um espaço e um tempo bem próximo da realidade que conhecemos. Tendo como princípio gerador à necessidade de uma realização material, acaba por enfatizar as necessidades primárias e as paixões imediatas de suas personagens. Os contos maravilhosos apresentam uma visão mágica de mundo, na qual o real e o imaginário irão se fundir dificultando assim, o estabelecimento de um limite entre eles.

Apesar da diferença em sua problemática central os contos de fadas e o conto maravilhoso apresentam a mesma estrutura narrativa e tiveram seu modelo definido por Wladimir Propp na obra *Morfologia do Conto*.

Nelly Novaes Coelho destaca cinco invariantes do modelo estrutural proposto por Propp que estão sempre presentes nesse tipo de narrativa. São elas: “*aspiração* (ou desígnio), *viagem*, *obstáculo* (ou desafios), *mediação auxiliar* e *conquista* do objetivo (final feliz). Tais *invariantes* multiplicam-se por infinitas *variantes* que correspondem pela riqueza dessa produção arcaica” (COELHO, 2000, p.109).

Ao escolher o conto o autor está optando por uma das estruturas mais simples do gênero narrativo, nele:

[...] há uma unidade dramática ou um motivo central, um conflito uma situação, um acontecimento... desenvolvido através de situações breves, rigorosamente dependentes daquele motivo. Tudo no conto é condensado: a efabulação se desenvolve em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta... Daí sua pequena extensão material (geralmente, um conto se estrutura em poucas páginas. (COELHO, 2000, p.71)

Devido a isso, eles têm sido privilegiados como forma narrativa na literatura popular e infantil. Outro motivo para a escolha desse gênero narrativo é que ele é maleável, isto é, em alguns momentos ele pode aparecer como um texto rígido, opondo resistência à mudança, e em outros ele surge flexível, procurando moldar-se às transformações da sociedade. Por isso, através das diversas releituras de um conto podemos perceber de que forma está se processando a evolução em uma sociedade, de que maneira estão evoluindo seus costumes, suas crenças, seu modo de vida.

Assim podemos dizer que os processos de adaptação e atualização acompanham os contos, possibilitando sua permanência e ao mesmo tempo sua transformação. A história de “Chapeuzinho Vermelho” e suas diversas versões e re-versões são capazes de exemplificar de forma clara esse processo. Mas antes iremos apresentar as formas de intertextualidade que possibilitam as inúmeras recontagens e que fazem com que um texto dialogue com outros.

5. Intertextualidade

Dentre os contos de fadas, farei a análise comparativa do conto “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault e dos irmãos Grimm. Para isso recorreremos ao conceito de intertextualidade.

Ao lermos um texto temos que ter em mente que ele está inserido em um contexto maior, tentar compreendê-lo de forma isolada faz com que parte de seu conteúdo seja perdido. Segundo Bakhtin:

O texto só ganha vida em contato com outro texto (contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que a luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas. (BAKHTIN, 1979, p. 191)

Um texto, então, nasce de outros textos que o determinam. Ele se constrói como um mosaico das várias leituras absorvidos pelo autor que ao imprimir sua visão de mundo sobre ele transforma-o em um novo texto.

A literatura não contraria a velha lei de Lavoiser, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele. (ZILBERMAN, 2003, p. 13)

Podemos dizer que na intertextualidade existe o diálogo de um texto com o outro, um recontar de forma pessoal. As narrativas intertextuais são aquelas que estabelecem conexões com outros textos, lembrando que não se deve considerar apenas o texto escrito, mas também os representados por filmes, músicas, fotografias, entre outros.

A intertextualidade pode acontecer na relação entre textos de origens diferentes ou através da intratextualidade, quando os textos de um mesmo autor dialogam entre si.

A obra intertextual perde sua inocência, pois existe manipulação de seus elementos. Além de correr o risco de perder sua originalidade. Para que isso não ocorra o autor da obra deve conseguir combinar as influências e ideias do texto anterior.

[...] a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muito menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa; quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, em fim quer atuar com relação ao texto antecessor. (CARVALHAL, 2004, p.53-54).

A intertextualidade cria uma dificuldade maior para o leitor devido à complexidade gerada. Porém não é algo que torne impossível seu entendimento, quando a narrativa está bem estruturada. Essa dificuldade pode diminuir de acordo com a popularidade da obra a qual o autor faz menção, quanto mais popular for o texto original, mais fácil será sua compreensão por parte do leitor.

Segundo Affonso Romano de Sant'Anna são formas de intertextualidade: a paródia, paráfrase, estilização e a apropriação.

O elemento principal da paródia é a ironia, a partir de um texto ou outro gênero que possa ser modificado. As características principais são mantidas, mas modifica-se seu sentido. É uma forma de contestar ou ridicularizar outros textos, há uma ruptura com as ideologias impostas.

Joseph T. Shipley, em seu dicionário de literatura, apresenta três tipos básicos de paródias: “a verbal, em que ocorre a mudança de algumas palavras do texto; a formal que se utiliza dos estilos e efeitos técnicos de um autor como forma de zombaria; e temática,

paródia que faz a caricatura da forma e do espírito de um autor” (SHIPLEY *apud* SANT’ANNA, 2003, p.12).

Tynianov estudou o conceito de paródia juntamente com o de estilização. O autor compara o dois textos um de Tynianov e outro de Bakhtin para mostrar a coincidências de pensamentos dos dois. Para eles a estilização transformaria um texto, mas não de forma radical.

Na estilização “não há mais discordância” (TYNIA NOV *apud* SANT’ANNA, 2003, p.14) entre os textos pois, apesar de ser “possível parodiar o estilo de um outro em direções diversas, aí introduzindo acentos novos, embora só se possa estilizá-lo, de fato, em uma única direção – a que ele próprio se propusera” (BAKHTIN *apud* SANT’ANNA, 2003, p.14)

Na paráfrase o texto original não é contestado ele é reescrito buscando retomar o texto anterior com outras palavras. É dizer com outras palavras o que já foi dito.

“Tomemos taticamente uma definição oficial deste vocábulo: ‘é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Uma paráfrase pode ser uma afirmação geral da ideia de uma obra como esclarecimento de uma passagem difícil. Em geral ela se aproxima do original em extensão”’. (BECKSON *apud* SANT’ANNA, 2003, p.17).

Em suma, fazendo a ligação desses recursos com a intertextualidade, a paródia provoca um deslocamento para deformar o texto original, cria uma intertextualidade das diferenças. A paráfrase, com seu caráter de continuidade, gera uma intertextualidade das semelhanças. Contudo, esses conceitos só poderão se concretizar se o leitor do texto, a partir de seu conhecimento de mundo, for capaz de fazer a inter-relação do texto escrito com aquele ao qual está se referindo o efeito de paródia, estilização ou de paráfrase.

6. Releituras de Chapeuzinho vermelho

A intertextualidade encontra-se em quase todos os textos, quanto mais lemos mais somos capazes de perceber esse jogo de diálogos que um texto trava com o outro.

Muitas vezes ao lermos um texto pela primeira vez ele pode nos parecer cansativo, mas em um momento posterior o releemos e percebemos nele uma gama de informações que não havíamos alcançado em nosso primeiro contato.

Isso ocorre porque ao longo do período em que não pegamos o texto, fomos acumulando mais leituras e passamos a ter um conhecimento mais abrangente de mundo o que nos possibilitou uma nova leitura, um novo diálogo com o texto.

Com os textos essa renovação se dá através das suas releituras. Autores pegam textos antigos e o reescrevem. Usaremos como exemplo o conto Chapeuzinho Vermelho que possui várias releituras. Farei a análise de duas releituras de Chapeuzinho Vermelho: a de Charles Perrault e a dos Irmãos Grimm.

(...) os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram. Podemos avaliar a distância entre nosso universo mental e o de nossos ancestrais se nos imaginarmos pondo para dormir um filho nosso contando-lhe a primitiva versão camponesa do “Chapeuzinho Vermelho” (DARNTON, 1986, p.26)

Mas, o conto de Chapeuzinho Vermelho só se tornou conhecido a partir da compilação dos textos da tradição oral feita por Charles Perrault, que ao juntar a oralidade e a tradição literária, garantiu a permanência desse conto ao longo dos séculos.

Charles Perrault, escritor francês, foi o primeiro a transformar os contos do folclore popular, de seu país, em histórias para criança. Em 1967 publicou *Contos de Mamãe Gansa*, onde encontramos sua versão de *Chapeuzinho Vermelho*, e é a partir dela (Anexo I) que podemos olhar o antes e o depois, já que ela irá representar o marco inicial dessa história que se popularizou e espalhou-se pelo mundo todo.

Em seu trabalho Perrault fez uso do discurso dominante em sua época. Assim ao compilar os contos populares ele os submeteu ao modelo educativo imposto pela sociedade de seu tempo. Lígia Cademartori diz que:

Os princípios educativos que regem os contos de Perrault e que foram apresentados por ele no prefácio da edição em verso de 1695, são os critérios da arte moral definidos pela Contra-Reforma: a valorização do pudor, mas, antes de mais nada, a cristianização. (CADEMARTORI, 2006, p.41)

Isso explica o fato de ter sido acrescentada, ao final de sua história uma lição moral e os elementos repulsivos e obscenos, existentes na versão original dos camponeses, terem sido excluídos. No final do seu conto encontramos a seguinte lição moral que lembra características das fábulas:

Vimos que as meninas,
E sobretudo as mocinhas
Lindas, elegantes e finas,
Não devem a qualquer um escutar.
E se o fazem, não é surpresa
Que do lobo virem o jantar.
Falo “do” lobo, pois nem todos eles
São de fato equiparáveis.
Alguns são até muito amáveis,
Serenos, sem fel nem irritação
Esses doces lobos, com toda educação,
Acompanham as jovens senhoritas
Pelos becos afora e além do portão.
Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,
São, entre todos, os mais perigosos.
(PERRAULT *apud* TATAR, 2004, p. 338)

Após dois séculos surge uma nova versão de *Chapeuzinho Vermelho* feita pelos irmãos Grimm (Anexo II). Tanto nesta como na anterior houve a preocupação de reescrever “os episódios de modo a produzir um conto moralmente edificante que encerra uma série de mensagens sobre a vaidade e a ociosidade” (TATAR, 2004, p.28).

No século XIX os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também procuraram compilar os contos do folclore alemão, e entre suas histórias está o conto *Chapeuzinho Vermelho*, que não se distancia do de Perrault, pelo contrário, ele reforça a função do conto como modelo educacional.

A versão feita pelos irmãos Grimm é uma paráfrase do conto francês, tendo sido modificado alguns pequenos detalhes, como por exemplo, a orientação dada a Chapeuzinho por sua mãe: “Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para frente como uma boa menina e não se desvie do caminho”. (TATAR, 2004, p. 30)

Nestas advertências há a sugestão de um modelo de comportamento que deveria ser seguido pelas crianças, pois, os irmãos Grimm sabiam que, mesmo não fazendo uso de uma lição moral como as usadas nas fábulas, essas orientações poderiam ser utilizadas nos

contos de fadas para “introduzir ensinamentos morais, mensagens e lições de etiqueta nas histórias”. (TATAR, 2004, p. 30)

Outra diferença é o final feliz adotado pelos escritores alemães, no qual a personagem principal e a sua avó são salvas por um caçador que as resgata de dentro da barriga do lobo, essa versão de *Chapeuzinho Vermelho* tornou-se mais popular que a de Perrault e foi a partir dela que a grande maioria das adaptações desse conto se basearam. Segundo Maria Tatar em sua obra *Contos de Fadas: edição comentada & ilustrada*:

Charles Perrault publicou a primeira adaptação literária de *Chapeuzinho Vermelho*, mas poucos pais se dispunham a ler aquela versão do conto para seus filhos, pois termina com o “lobo mau” jogando-se sobre Chapeuzinho Vermelho e devorando-a. Na versão de Grimm, a menina e sua avó são salvas por um caçador, que manda o lobo desta para melhor após efetuar uma cesariana com uma tesoura (TATAR, 2004, p.28)

Este comportamento de tentar proteger as crianças mostrando a elas somente o lado positivo das coisas acaba gerando conflitos já que estas são capazes de perceber que o mundo real nem sempre é agradável e otimista.

Por isto a importância do conto de fadas, ele transmiti em seus textos, que existe uma luta contra as dificuldades “mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa” (BETTELHEIM, 2011, p. 15)

7. Considerações finais

Acreditando que o contato com a literatura molda a mente e o coração da criança, não podemos deixar de admitir que ele influi em sua formação, assim como, possibilita a criança, o gosto pela leitura criado a partir de mundos de ficção e também leva as palavras ao mundo mágico da criança, permitindo-lhe, não só entendê-las e usá-las, como também desfrutá-las no contexto da imaginação.

A literatura infantil procura pôr, diante dos olhos da criança, alguns fragmentos de vida, do mundo, da sociedade, do ambiente imediato ou longínquo, da realidade possível ou impossível, mediante um sistema de representações, ligados a fantasia, ao maravilhoso.

E para que a criança jogue com as imagens da realidade que lhe são oferecidas ela construa, assim, a sua própria visão de mundo sem esquecer que a criança recebe imagens da realidade, mas não a própria realidade e que esse distanciamento a ajuda na resolução de alguns de seus questionamentos.

A teoria da recepção manifestou a importância do leitor na co-produção do significado do texto e destacou a ativa implicação do indivíduo receptor na atribuição de significados durante o ato de leitura. Esta orientação serviu para precisar que ler não é só decodificar os signos do sistema da língua, como também construir significados.

Pois, o ponto de partida do processo de leitura, que se conclui com a interpretação (pessoal) do texto é sempre a explicação ou análise do mesmo em uma correlação imediata com outros textos, outras obras ou outras produções artísticas, isto é, no processo leitor há um contínuo contraste entre o texto que se recebe e os conhecimentos que já se possuem, como uma espécie de comparação contínua que permite a identificação de dados, tornando assim, o entendimento do mesmo mais completo.

Por isso acredito que a leitura dos textos clássicos são indispensáveis para a formação de um leitor maduro. Ao usar como exemplo o conto *Chapeuzinho Vermelho* queria mostrar como suas releituras caminham lado a lado com a realidade que nos cerca, e claro esse fato não ocorre apenas com esse texto, como foi dito antes ele apenas serviu para exemplificar a importância dos textos clássicos na formação leitora.

As palavras de Marisa Lajolo resumem bem meu pensamento que, ao longo desse trabalho, procurei demonstrar.

Como a manhã, que no poema de João Cabral se perfazia pelo entrelaçamento do canto de muitos galos, também a leitura, principalmente a literária, parece constituir um tecido ao mesmo tempo individual e coletivo. Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a ela a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros. (LAJOLO, 2005, p. 107).

8. Referências Bibliográficas e Eletrônicas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Fernando José de. **Folha Explica Paulo Freire**. Editora Publifolha; 1ª edição; 2009: 26. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/800110-ha-89-anos-nascia-paulo-freire-importante-educador-brasileiro.shtml>> Acesso em 10/02/2013.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: América Editora, 1944.

BANDEIRA. Pedro. **O mistério de feiurinha**. 2001. <Disponível em: <http://www.bibliotecapedrobandeira.com.br/pdfs/contos/feiurinha.pdf>> Acesso em 13/08/2013.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BENJAMIN, Walter. **O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In: **Obras escolhidas – magia, técnica e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BETTELHEIM. Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas** Tradução de Arlene Caetano. 16ª Edição. Editora: Paz e Terra, 2002.

CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **A Importância da Leitura na Formação do Indivíduo**. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano V- Número 09. Janeiro 2007. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/pedagogia09/pages/artigos/edic09-anov-art03.pdf>. > Acesso em 05/02/2013.

CAROLINA, Maria. **A Importância da Leitura**. 2007. Disponível em: <
http://www.colegiosantamaria.com.br/aprenda-mais/artigos/ver.asp?artigo_id=2> Acesso
em: 10/02/2013

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil. Teoria – Análise – Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DARNTON, Robert. **O massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEMO, Pedro. **Leitores para Sempre**. Porto Alegre. 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça, Anna Christina Bentes, Monica Magalhães Cavalcante: **Intertextualidade: diálogos possíveis.** São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** São Paulo: Summus, 1979.

PROPP, Wladimir. **Morfologia do conto.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

_____. **As raízes históricas do Conto Maravilhoso.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & cia.** 7ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

SANTOS, José Luiz. **O que é Cultura.** 14ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Aline Luiza. **Trajetória da Literatura Infantil: da Origem Histórica e do Conceito Mercadológico ao Caráter Pedagógico na Atualidade.** REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM. v. 2 - n. 2 - jul/dez – 2009. Disponível em <<http://revista.univem.edu.br/index.php/REGRAD/article/viewFile/234/239>> Acesso em 03/07/2013

TATAR, Maria. **Edição, introdução e notas. In: Contos de fadas: edição comentada e ilustrada.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidades.** São Paulo: Loyola, 2002.

VYGOSTKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989.

ZILBERMAN. Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

Instituto Eco Futuro. Disponível em <<http://www.ecofuturo.org.br/>> Acesso em: 05/02/2013.

<http://www.editoracontexto.com.br/autores/josette-jolibert>. Acesso em: 18/06/2013

<http://www.prolivro.org.br> <Acesso: 18/06/2013>

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html> <Acesso em: 18/06/2013>

ANEXO I

Chapeuzinho Vermelho

Charles Perrault

Era uma vez uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver. Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam de Chapeuzinho Vermelho

Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse: “Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que está doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga.”

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia. A pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo respondeu:

“Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando.”

“Sua avó mora longe?” Perguntou o lobo.

“Ah! Mora sim”, respondeu Chapeuzinho vermelho. “Mora daquele lado do moinho lá longe, bem longe na primeira casa da aldeia.”

“Ótimo!” Disse o lobo. “Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.”

O lobo pôs-se a correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar castanhas, correr atrás de borboletas e fazer buquês com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito para chegar à casa da vovó. Bateu: Toc, toc, toc,.

“Quem está aí?”

“É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo, disfarçando a voz. “Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.”

A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: “Puxe a lingueta e o ferrolho abrirá.”

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, a espera de Chapeuzinho vermelho, que pouco tempo depois bateu à porta. Toc, toc, toc.

“Quem está aí?”

Ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho vermelho primeiro teve medo, mas, pensando que a avó estava gripada respondeu:

“É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho. “Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.”

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: “Puxe a lingueta e o ferrolho abrirá.”

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

“Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo.”

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó de camisola. Disse ela:

“Minha avó, que braços grandes você tem!”

“É para abraçar você melhor, minha neta.”

“Minha avó, que pernas grandes você tem!”

“É para correr melhor, minha filha.”

“Minha avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para escutar melhor, minha filha.”

“Minha avó, que olhos grandes você tem!”

“É para enxergar você melhor, minha filha.”

“Minha avó, que dentes grandes você tem!”

“É para comer você”

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

MORAL

Vemos aqui que as meninas,
E sobretudo as mocinhas
Lindas, elegantes e finas,
Não devem a qualquer um escutar.
E se o fazem, não é surpresa
Que do lobo virem jantar
Falo do “lobo”, pois nem todos eles
São de fato equiparáveis.
Alguns são até amáveis,
Serenos, sem fel nem irritação.
Esses doces lobos, com toda educação,
Acompanham as jovens senhoritas
Pelos becos afora e além do portão.
Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos
São entre todos os mais perigosos.

De Charles Perrault, “Le Petite Chaperon Rouge”, *Histoires ou Contes du temps pass’*,
avec des maralités (Paris: Barbin, 1697 *apud* TATAR, 2004, Apêndice I)

ANEXO II

CHAPEUZINHO VERMELHO

Jacob e Wilhelm Grimm

Era uma vez uma menina encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe da menina lhe disse: “Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho. Leve-os para a sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para a frente como uma boa menina e não desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrá nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa.”

“Farei tudo que está dizendo”, Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava no meio da mata, mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo. Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingo de medo.

“Bom dia, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo.

“Bom dia, senhor lobo”, ela respondeu.

“Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?”

“À casa da vovó.”

“O que é isso debaixo do seu avental?”

“Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos ontem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la”, ela respondeu.

“Onde fica a casa da vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo de três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

“O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.”

O lobo caminhou ao lado de chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou. “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a trilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho Vermelho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se, na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para o outro à cata de flores. Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou a trilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e ao entrar na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

“Ó avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para melhor te escutar!”

“Ó avó, que olhos grandes você tem!”

“É para melhor lhe enxergar!”

“Ó avó, que mãos grandes você tem!”

“É para melhor te agarrar!”

Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo a pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido.

Depois de algumas tesouradas, avistou um goro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também consegue sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho vermelho catou pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levava, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”

Há uma história sobre uma outra vez em que chapeuzinho Vermelho encontrou um lobo quando ia para a casa da avó, levando-lhe bolinhos. O lobo tentou fazê-la desviar-se da trilha, mas Chapeuzinho Vermelho estava alerta e seguiu em frente. Contou à avó que

encontrara um lobo e que ele a cumprimentara. Mas tinha olhado para ela de um jeito tão mau que “se não estivéssemos num descampado, teria me devorado inteira”.

“Pois bem”, disse a avó. “basta trancar a porta e ele não poderá entrar.”

Alguns instantes depois o lobo bateu à porta e gritou: “abra a porta, vovó. É Chapeuzinho Vermelho, vim lhe trazer uns bolinhos.”

As duas não abriram a boca e se recusaram a atender a porta. Então o espertalhão rondou a casa algumas vezes e pulou para cima do telhado. Estava planejando esperar até que Chapeuzinho Vermelho fosse para casa. Pretendia rastejar atrás dela e devorá-la na escuridão. Mas a avó descobriu suas intenções. Havia um grande cocho de pedra na frente da casa. A avó disse à menina: “Pegue esse balde, chapeuzinho vermelho. Ontem cozinhei umas salsichas. Jogue a água da fervura no cocho.”

Chapeuzinho Vermelho levou vários baldes d’água ao cocho, até deixá-lo completamente cheio. O cheiro daquelas salsichas chegou até as narinas do lobo. Ele esticou o tanto do pescoço para farejar e olhar em volta que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar telhado abaixo. Caiu bem dentro do cocho e se afogou. Chapeuzinho Vermelho voltou para casa alegremente e ninguém lhe fez mal algum.

Texto retirado de (TATAR, 2004, p. 30-6)